

DROGAS UTILIZADAS POR JOVENS DE BRASÍLIA

Richard Bucher*

Denise Doneda'

Edylla L. P. de Oliveira*

Elias Abdala. Filho*

Universidade de Brasília

Centro de Orientação sobre Drogas e Atendimento a Toxicômanos

RESUMO - No presente trabalho são analisadas as respostas a algumas questões abertas, inseridas em um levantamento sobre conhecimentos e uso de drogas entre alunos de Brasília, feito em 1986. Os inalantes são citados como os produtos mais consumidos, seguidos pelo grupo dos medicamentos. Como drogas mais fáceis de serem obtidas, são consideradas a maconha, a loló, as colas e a cocaína. A discrepância entre o uso e as opiniões sobre a facilidade de aquisição é explicada com referência ao estereótipo da representação social, que considera como *drogas* apenas os produtos ilegais. Conclui-se que qualquer medida que queira intervir no *problema de drogas*, tem que levar em conta o contexto sócio-econômico, as motivações pessoais e as estimulações sociais, ao invés de focalizar apenas a presença do produto, em uma abordagem repressiva.

SUBSTANCES USED BY STUDENTS IN BRASÍLIA

ABSTRACT - In the present paper, the responses to some open questions included in a survey about the Knowledge and use of substances among students in Brasilia, conducted during 1986, are analysed. The inhalant substances are reported as the more frequently consumed products, followed by use of substances in group of psychotropic agents. As more easily obtained drugs, marinuana, "loló", "glue" and cocaine ar considered. The discrepancies between their use and the opinions regarding the easiness in obtaining them are explained with reference to the stereotype of social representation, which considers as "drugs" only the illicit or illegal products, it is concluded that any steps which are to be taken to affect the "drug problem" have to take into

"Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de Brasília, Asa Norte, 70910, Brasília, DF, CORDATO (Centro de Orientação sobre Drogas e Atendimento a Toxicômanos): CLN 205 - "D" - 07, 70843 - Brasília, DF, Fone (061) 272-4555.

account the overall socio-economic situation in which it occurs, the personal motivations and the incentives to the user's aptitudes by society, instead of focusing only on the availability of the product, in a model of repressive approach.

Em 1986 foi realizado um levantamento sobre conhecimento e uso de drogas entre 2.174 estudantes de Brasília (Bucher e Totugui, 1987). Os dados obtidos foram em seguida analisados quanto à incidência do sexo e da idade (Bucher e Totugui, 1988). No presente trabalho, são analisadas as respostas destes mesmos alunos às sete questões abertas, inseridas no questionário da Organização Mundial de Saúde (Smart e col., 1980), por nós adaptado e validado semanticamente. Quanto à discussão da metodologia, remetemos à nossa primeira publicação (1987), lembrando tão-somente que o questionário foi auto-aplicado, em sala de aula de escolas e/ou turmas sorteadas aleatoriamente.

Achamos interessante acrescentar algumas questões abertas, para poder completar os dados por informações diretamente nomeadas. Desta forma, contorna-se o efeito sugestivo das questões (e respostas) múltiplas pré-formadas e alcança-se a enumeração dos produtos efetivamente já consumidos, com os nomes que são familiares aos próprios usuários. Isto permite um conhecimento mais detalhado do "mercado" de drogas e das suas "cotações".

De fato, trata-se de seis questões sobre a drogas mais usadas pelos estudantes, quer de modo ilegal, quer de forma indevida. O que se tentou levantar, pois, foi o consumo *abusivo*. Na ordem, pediu-se indicar os nomes das seguintes drogas já usadas: estimulantes, alucinógenos, inalantes, tranqüilizantes, hipnóticos e outras. Uma última pergunta indaga sobre as drogas mais fáceis de adquirir; neste caso, as respostas representam *opiniões* dos estudantes, significativas quanto à idéia que estes se fazem sobre a comercialização das drogas em geral, da obtenção de algumas delas em particular.

No entanto, é claro que a enumeração das drogas já consumidas é sujeita a dúvidas: algumas respostas podem ser inventadas ou exageradas. Mas esta eventual margem de erro - presente em todo levantamento deste tipo - não nos parece afetar o valor indicativo das respostas obtidas.

Lembramos, a título informativo, os resultados das freqüências globais do uso de drogas, conforme nossa primeira publicação (1987):

Medicamentos	24,2%
Inalantes	22,8%
Maconha	7,5%
Cocaína	1,8%
Álcool	89,3%
Fumo	33,7%

Segundo estes dados, são os medicamentos (tranqüilizantes, estimulantes e hipnóticos), as drogas propriamente ditas, as mais consumidas (sem contar os xaropes, analgésicos, etc), seguido dos inalantes. No final, compararemos estas distribuições com aquela auferida a partir das questões abertas.

RESULTADOS DA PRESENTE ANÁLISE

Em uma primeira tabela, apresentamos os produtos citados como já consumidos, reagrupados em sete categorias. Dividimos os estudantes segundo o grau escolar e a região: Plano Piloto (PP) e Cidades-Satélites (CS).

Tabela 1 - Distribuição das drogas mencionadas segundo categorias.

CATEGORIAS	NÍVEL ESCOLAR						REGIÃO					
	1º grau (n = 994)		2º grau (n = 829)		3º grau (n = 351)		P.P. (n = 847)		C.S. (n = 1327)		Total (n = 2174)	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Opiáceos	24	2,4	12	1,4	05	1,4	11	1,3	30	2,3	41	1,9
Tranqüilizantes	77	7,7	62	7,5	42	11,9	82	9,7	99	7,5	181	8,3
Hipnóticos	09	0,9	10	1,2	08	2,3	12	1,4	15	1,1	27	1,2
Inalantes	352	35,4	236	28,5	170	48,4	352	44,6	406	30,6	758	34,9
Estimulantes	06	0,6	03	0,4	23	6,5	23	2,7	09	0,7	32	1,5
Alucinógenos	29	2,9	10	1,2	23	6,5	32	3,8	30	2,3	62	2,8
Outros	20	2,0	40	4,8	22	6,3	22	2,6	60	4,5	82	3,8
Total de menções	517		373		293		534		649		1.183	
Média menções/aluno	0,52		0,45		0,83		0,63		0,49		0,54	

De todos os produtos citados, os inalantes se destacam com nitidez com 758 citações, indicados por 34,9% dos alunos. Reagrupando os três tipos de medicamentos (tranqüilizantes, hipnóticos e estimulantes), estes chegam a ocupar o segundo lugar (total: 243 indicações, referidas por 11,2% dos alunos). Analisando a média do consumo, poder-se-ia dizer que mais da metade dos estudantes (54%) declaram já ter usado um produto (ou mais), com um pique entre os estudantes universitários (83%); porém, como alguns alunos forneceram várias respostas, não se pode extrapolar diretamente neste sentido: a taxa se refere à média dos produtos usados, e não àquela dos usuários.

Na segunda tabela detalhamos os produtos citados pelos estudantes.

Entre os opiáceos, chama a atenção a indicação freqüente de xaropes codeínicos (cuja venda hoje é controlada...), utilizados mais no 1º grau e nas cidades-satélites. Eles são seguidos pelo famoso elixir paregórico.

A única citação de heroína e morfina suscita dúvidas: será que realmente um aluno do 1º grau, de uma cidade-satélite, tinha acesso à heroína e morfina?...

Entre os tranquilizantes, os benzodiazepínicos são os grandes líderes; enumeramos entre parênteses as marcas comercializadas que foram citadas, com um total de 14 produtos - o que reflete bem a abundância que reina neste mercado, altamente lucrativo...

Tabela 2 - Detalhamento das drogas mencionadas, por categorias.
(Valores brutos)

Categoria	Produto mencionado	NÍVEL ESCOLAR			REGIÃO		Total (n=2174)
		1º grau (n=994)	2º grau (n=829)	3º grau (n=351)	P.P. (n=847)	C.S. (n=1327)	
Opiáceos	Elixir paregórico	06	—	02	03	05	08
	Herofina	01	—	—	—	01	01
	Morfina	01	—	—	—	01	01
	Xaropes codefinicos (Tiratosse, Tussiflex, Eritós, Pambenyl)	16	12	03	08	23	31
Tranquilizantes	Benzo-diazepicos (Ansilive, Diazepam, Diazepam AB, Diazepina, Diempax, Kíatrium, Lexotan, Lorax, Lorium, Psicosedim, Somalium, Sonotrat, Tensil AD, Valium)	74	62	41	81	96	177
	Outros Ansiolíticos (Lexpiride, Sonin, Passifloride)	03	—	01	01	03	04
Hipnóticos	Barbitúricos (Comital, Fenobarbital, Gardenal, Seconal)	08	09	02	06	13	19
	Não-barbitúricos (Dalmodom, Mogadon, Rohypnol, Halcion, Tegretol)	01	01	06	06	02	08

Os barbitúricos são mais usados no 1º e 2º graus e nas cidades-satélites, em oposição aos hipnóticos não-barbitúricos (onde se trata, de fato, de produtos compostos), que se destacam no 3º grau.

Os inalantes são os campeões dos produtos citados, em particular o "cheirinho da loló" (ao qual cabe acrescentar seus ingredientes: éter e clorofórmio). A loló é

Tabela 2 - (Continuação)

Categoria	Produto mencionado	NÍVEL ESCOLAR			REGIÃO		Total (n=2174)
		1º grau (n=994)	2º grau (n=829)	3º grau (n=351)	P.P. (n=847)	C.S. (n=1327)	
Inalantes	Acetona	37	11	01	14	35	49
	Aerosóis (desodorantes)	—	10	04	04	10	14
	Amoníaco	—	02	—	—	02	02
	Éter, Clorofórmio	41	30	15	42	44	86
	Cola (de sapateiro, de madeira...)	68	34	06	32	76	108
	Esmalte	10	04	—	—	14	14
	Fluido (gás de isqueiro)	01	01	—	—	02	02
	Gasolina	35	18	01	13	41	54
	Lança-perfume, Iolô	126	105	136	226	141	367
	Removedores (tiner, benzina...)	28	15	07	19	31	50
	Vemizes	06	06	—	02	10	12
Estimulantes	Anorexígenos (Inibex, Lipofagin, Moderex, Lipere-se)	01	02	06	06	03	09
	Bolinhas (Speed)	—	—	03	03	—	03
	Cocaina	04	—	—	—	04	04
	Crack	01	—	01	01	01	02
	Reactivan	—	01	13	13	01	14
Alucinógenos	Ácido (LSD)	02	02	05	05	04	09
	Chá (de abóbora, cogumelo, Ifrio, huasca...)	10	01	17	21	07	28
	Maconha (erva...)	15	04	—	02	17	19
	Haxixe	01	—	—	—	01	01
	Artane	01	03	01	04	01	05

muito usada no Plano Piloto. Todos os outros produtos citados são mais consumidos nas cidades periféricas, em particular a cola de sapateiro.

Agrupamos os *outros produtos* numa terceira tabela, por serem muito diversificados.

Constata-se uma variedade muito grande de produtos citados, refletindo a grande imaginação de alguns jovens em descobrir (ou misturar) produtos com algum efeito

Tabela 3 - Outros produtos mencionados como psico-ativos.
(Valores brutos)

PRODUTO MENCIONADO	NÍVEL ESCOLAR			REGIÃO		Total (n=2174)
	1º grau (n=994)	2º grau (n=829)	3º grau (n=351)	P.P. (n=847)	C.S. (n=1327)	
Analgésico (AAS, Anador, Aspirina, Beserol, Cibalena, Dipirona, Doril, Methoral, Novalgina, Optalidon, Tylenol)	02	14	10	10	16	26
Antibióticos	-	02	-	-	02	02
Vitaminas (Energesan, Glucoenergan, Periatin, Rarical, Superhist, Vitasay)	03	04	02	02	07	09
Pó de giz amarelo	-	-	01	01	-	01
Essência de Baunilha	03	-	-	-	03	03
Esterco de cavalo	01	-	-	-	01	01
Tesão de vaca	-	01	-	-	01	01
Detergente	01	-	-	-	01	01
Erva cidreira	01	-	-	-	01	01
Giro-Giro	-	01	-	-	01	01
Pó da China	02	-	-	-	02	02
Folha de chuchu	02	01	-	-	03	03
Água com açúcar	-	01	-	-	01	01
Casca de fumo	01	-	-	-	01	01
Outros medicamentos (Fenergan, Alcachofra, Sonrisal, Nootropil, Postafen)	-	07	-	-	07	07
Tussiflex com coca-cola	-	01	-	-	01	01
Cana bodin	-	01	-	-	01	01
Elixir Doric	-	-	01	01	-	01
Tartooam	-	-	01	01	-	01
Psico-estimulantes diversos (Aerolin, Adrenalina, Afrim, Cafelina, Café + analgésico, coca-cola + café, guaraná em pó, coca-cola com sonrisal, folha de café)	01	07	07	07	08	15
Maracujá, maracujina	03	-	-	-	03	03
TOTAL	20	40	22	22	60	82

Tabela 4 - Drogas mais fáceis de serem obtidas (respostas múltiplas)

PRODUTOS MENCIONADOS	NÍVEL ESCOLAR						REGIÃO					
	1º grau (n=994)		2º grau (n=829)		3º grau (n=351)		P.P. (n=847)		C.S. (n=1327)		Total (n=2174)	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Maconha	447	44,9	418	50,4	199	56,7	719	84,9	345	26,0	1064	48,0
Loló, Lança-perfume	286	28,8	243	29,3	71	20,2	457	53,9	143	10,8	600	27,6
Colas	286	28,8	158	19,1	27	7,7	355	41,9	86	6,5	441	20,3
Cocaína	61	6,1	42	5,1	20	5,7	86	10,1	37	2,8	123	5,6
Tranquilizantes	13	1,3	16	1,9	15	4,3	28	3,3	16	1,2	44	2,0
Xaropes	14	1,4	05	0,6	16	4,6	15	1,8	20	1,5	35	1,6

psicotrópico. Neste levantamento, não se dispõe de informações sobre a forma de absorção destes produtos; a via oral e a inalação provavelmente prevalecem, mas para alguns, a via endovenosa não pode ser excluída. A mistura com álcool também é bastante provável.

Na quarta tabela, agrupamos os produtos citados como os mais acessíveis, deixando de lado aqueles que são mencionados poucas vezes.

A maconha, embora relativamente pouco citada quanto ao uso, é considerada como a droga mais fácil para se obter. Seguem-se os inalantes (loló e colas). A cocaína precede os medicamentos controlados, o que indica que o tráfico (e a aquisição) de drogas ilegais propicia maiores facilidades do que o comércio de medicamentos. Curiosamente, a obtenção de todos estes produtos é considerada como mais fácil no Plano Piloto, onde parecem existir redes de abastecimento mais organizadas...

Vale ressaltar que foi pedido aos estudantes que fornecessem respostas para todas as perguntas sem referir-se ao álcool e ao fumo.

DISCUSSÃO

Podemos ressaltar, em primeiro lugar, a grande discrepância que se manifesta entre as enumerações das drogas já consumidas, por um lado, e daquelas mais fáceis de serem obtidas, por outro: as freqüências são bem diferentes. As respostas sobre a facilidade de aquisição refletem as opiniões da quase totalidade dos estudantes investigados, consumidores ou não (total de produtos indicados: 2.786). Desta forma, elas devem refletir as opiniões prevalentes na população geral sobre as drogas mais comuns (e, por extrapolação, as que são consideradas como as mais perigosas): as drogas ilegais, a começar pela maconha.

Ora, sabe-se que esta representação social das drogas é altamente estereotipada, abundantemente nutrida pela imprensa sensacionalista ou pelos relatos sobre

apreensão de drogas ilegais, publicados pela polícia - mas ela não reflete a situação *real* do consumo de drogas, nem na população jovem, nem na população em geral.

Quando muito, aquela representação aplica-se ao consumo de "verdadeiros toxicômanos", que sem dúvida são dependentes de drogas ilegais (em particular, hoje em dia, da cocaína, como atestam as estatísticas de atendimento do CORDATO e de outras instituições similares); contudo, trata-se af mais de (jovens) adultos do que de adolescentes, sendo eles, em sua grande maioria, ademais, poli-usuários, recorrendo a uma série de produtos, inclusive medicamentos, e misturando-se freqüentemente com álcool. Mesmo neste caso, pois, o estereótipo da representação social é enviesado, refletindo mais um certo discurso alarmista, repressivo e/ou moralizante, do que a realidade deste consumo no Brasil.

Em particular, esta opinião omite referir-se à presença (e ao perigo) dos inalantes e dos medicamentos (tranquilizantes em primeiro lugar). De ambos, existe um abuso intenso - sendo, no caso dos inalantes, todo uso um abuso, e no caso dos medicamentos, o abuso (ou uso indevido) muito comum, facilitado pelo mercado negro destes produtos, senão pela inconsciência dos médicos que os receitam - sem esquecer o hábito da auto-medicação (ver Barros, 1983).

A respeito do uso indevido de medicamentos, lembramos um dado que se destacou na segunda análise dos resultados do nosso levantamento (Bucher e Totugui, 1988): as moças usam (ou abusam) mais de medicamentos psicotrópicos (sobretudo ansiolíticos e hipnóticos) do que os rapazes; estes demonstram preferência, quando usam, para drogas ilegais ou para inalantes. Esta prevalência do uso segundo o sexo tem a ver, em nossa opinião, com todo um condicionamento social, produzindo repercussões na representação social que frisamos: os medicamentos, em geral, não são considerados como "drogas". O seu consumo, mesmo abusivo, goza de ampla aceitação, senão de um certo prestígio social, em particular entre mulheres, podendo um certo incentivo ser transmitido de mãe para filha...

Por outro lado, o controle mais restrito dos medicamentos psicotrópicos, a partir de novembro de 1986 (Portarias 27 e 28 do Ministério da Saúde), sem dúvida dificultou o acesso a estes produtos, mas um mercado paralelo (para ansiolíticos, hipnóticos, estimulantes - anorexígenos e outros -xaropes...) não demorou a se organizar. Como nosso levantamento foi feito um mês antes das portarias citadas, é possível que as respostas obtidas teriam sido mais baixas em um levantamento posterior; não obstante, pesquisas recentes (Carlini, Masure Formigoni, 1988; Carlini-Cotrim e Silva, 1988) apontam que a nova legislação continua mal aplicada e provocou, em muitos casos, um mero deslocamento de produtos. Os dois últimos autores concluem, desta forma, que "os mecanismos legais, por si só, têm saldos bastante limitados no sentido de coibir o uso indevido de psicotrópicos".

Podemos ver nisso, mais uma vez, um índice de que as estipulações legais, tão necessárias que sejam, são insuficientes, tanto quanto os outros dispositivos repressivos. Isto se averigua ainda à luz dos presentes dados sobre drogas corriqueiramente consumidas pelos alunos. Se as freqüências são relativamente baixas quanto às drogas ilegais (opíáceos não codeínicos, estimulantes não medicamentosos - isto é, cocaína e alucinógenos - e.g., maconha), elas são muito elevadas para a categoria dos inalantes.

Comparando com as frequências averiguadas no levantamento global, constatamos uma importante diferença na posição dos inalantes: segundo as respostas abertas, o uso de inalantes é bem mais alto (758 citações, o que corresponderia a 34,9% do conjunto dos alunos) do que aquele dos medicamentos, mesmo agrupando as três categorias (234 citações, ou seja, 10,8% dos alunos). Estas diferenças se explicam, pelo menos parcialmente, pela enumeração múltipla, ou seja, um mesmo aluno pode citar vários produtos como já usados (razão pela qual a porcentagem é enganadora). De qualquer forma, inalantes e medicamentos ocupam os dois primeiros lugares, sendo muito mais usados (e abusados) do que as drogas ilegais.

A lança-perfume ou loló se destaca como verdadeira droga da moda, em particular entre estudantes universitários e no Plano Piloto. A cola, pelo contrário, é o produto predileto dos jovens suburbanos (cidades-satélites), sendo que o seu uso diminui nitidamente com a idade, isto é, nas faixas escolares superiores. O mesmo vale para os produtos de substituição: acetona, esmalte, gasolina, removedores e vernizes, todos mais utilizados pelos jovens da periferia. Cabe ressaltar, todavia, que não se trata af de menores de rua, mas de jovens que freqüentam as escolas (ficando aberta a questão da regularidade desta freqüência). As condições sócio-econômicas, podemos concluir, devem influenciar fortemente nestes hábitos de consumo - e eis um outro índice da inadequação de meras medidas repressivas para resolver os problemas do consumo de drogas: este faz parte de um contexto social, econômico, político e cultural que o condiciona e mesmo incentiva. Somente intervenções educativas e preventivas que levem em conta este contexto, a sua complexidade, bem como as particularidades de cada população, terão algum impacto entre os jovens - à condição, ainda, que despertem alguma credibilidade.

A análise da Tabela 3 nos inspira uma reflexão semelhante. A variedade dos produtos mencionados como psico-ativos já consumidos é impressionante, indo de detergente à coca-cola com sonrisal, dos analgésicos à folha de chuchu ou de café. Decididamente, os nossos jovens são inventivos, quando se trata de descobrir novas fontes de prazer... As motivações, aliás, devem ser diversas, mas a prevalência maior destas utilizações entre os alunos jovens (1º grau) e das cidades-satélites indica que a procura deste "barato" deve, ela também, ser relacionada com as condições ambientais, sociais e familiares destes jovens. Pode-se dizer que se trata af de uma fuga, de uma revolta ou de um desespero frente às condições reais da vida - mas a versatilidade manifestada nesta procura, não é que ela expressa também uma criatividade original e de valor? Ou será que ela tem que ser desvalorizada ou reprimida, pelo simples fato de se tratar de uma procura insólita de prazer...?

A nosso ver, destaca-se aqui uma tarefa educacional de grande envergadura: canalizar esta criatividade de tal forma que ela seja proveitosa para estes jovens, tanto para a sua integração pessoal quanto para a integração na sociedade.

Finalizamos lembrando um episódio curioso, ocorrido alguns meses atrás em uma capital do Nordeste. Por uma determinada razão, faltava cola de sapateiro na praça; os jovens acostumados à sua inalação inventaram, não se sabe como, um substituto à altura, misturando leite moça com óleo de freio - parece que o "barato" é tão intenso quanto aquele da cola...

Este exemplo ilustra perfeitamente, ao nosso ver, que não basta reprimir para erradicar as drogas da sociedade; não basta, por exemplo - como já foi sugerido - adicionar uma substância aversiva à cola de sapateiro, porque os substitutos possíveis são inúmeros, a maioria deles fazendo parte, hoje em dia, do arsenal de produtos industrializados. O problema não reside simplesmente no produto, a ser eliminado como se ele fosse o diabo, o pecado ou o perigo supremo; o problema essencial e crucial reside na *procura* de tais produtos, pelos jovens e pelos adultos, a partir de motivações pessoais, mas também de todo um conjunto de estimulações sociais. Intervenções, medidas, campanhas ou pregações que não levem em conta estas motivações e estimulações, são fadadas ao insucesso.

Educar preventivamente mediante canalizações apropriadas e propostas dissuasivas que sejam criativas para a procura legítima de prazer, para a curiosidade e a sã inventividade do jovem, ao invés de querer simplesmente proibir e reprimir: eis o que urge desenvolver, conclusão que se impõe, mais uma vez, a partir dos dados auferidos, interpretados à luz de uma abordagem compreensiva do "problema de drogas".

Em nosso entender, esta abordagem é importante para situar (e interpretar corretamente) os dados numéricos obtidos por levantamentos epidemiológicos "objetivos", como o nosso primeiro trabalho (Bucher e Totugui, 1987) ou ainda o estudo nacional de Carlini (1989); sem esta complementação, baseada em reflexões inspiradas pela experiência clínica e social no trato de questões de drogas, o alcance daqueles números fica reduzido, sem que seja possível atribuir-lhes significações concretas. Acreditamos serem tais atribuições fundamentais - se é que se considera a epidemiologia como uma disciplina científica auxiliar, fornecendo subsídios para intervenções adequadas "no terreno".

REFERÊNCIAS

- Barros, J. A. C (1983). Estratégias mercadológicas da indústria farmacêutica e o consumo de medicamentos. *Revista de Saúde Pública de São Paulo*, 17, 377-386.
- Bucher, R. & Totugui, M. L. (1987). Conhecimentos e uso de drogas entre alunos de Brasília. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3(2), 178-194.
- Bucher, R. & Totugui, M. L. (1988). Influência de sexo e idade em consumidores de drogas em Brasília. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 4(1), 12-21.
- Carlini, E. A. (Org.) (1989). *Consumo de drogas psicotrópicas no Brasil em 1987*. Brasília: Centro de Documentação do Ministério da Saúde.
- Carlini, E. A., Masur, J. & Formigoni, M. L. S. (1988). A influência de uma legislação mais restritiva na venda de medicamentos psicotrópicos. *ABP-APAL*, 10 (1), 12-15.
- Carlini-Cotrim, B. & Silva, A. R. F. (1988). O abuso de Artane por meninos de rua de São Paulo. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 37(4), 201-203.

Smart, R. G., Hughes, P. H., Johnston, L. D., Anumonye, A., Khant, U., Medina-Mora, M. E., Navaratnam, V., Poshya-Chinda, V., Varma, V. K., & K. A. (1980). A Methodology for student drug-use surveys Geneva: Organização Mundial de Saúde (*Off-set Publication n° 50*).

Artigo recebido em 05/11 /89.